

Contribuições da arteterapia para a educação de jovens do ensino médio: uma revisão de literatura

Contributions of art therapy to the education of high school youth: a literature review

Cristiano Matana¹
Janaína Pereira Pretto Carlesso²
Félix Miguel Nascimento Guazina³

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo investigar as contribuições da arteterapia para a educação de jovens do ensino médio, a partir de uma revisão de literatura. Este caracteriza-se como pesquisa qualitativa de revisão bibliográfica. Utilizou-se as bases eletrônicas de dados: Portal da CAPES, Scielo, Bireme, Pepsic e Google Acadêmico. Não se determinou um período de tempo para a seleção da bibliografia. Sobre o referido assunto, observa-se uma escassez de conteúdo relacionado. Não porque o tema seja pouco relevante, mas, talvez, pouco se atente para às contribuições que a arteterapia pode oferecer à educação, como por exemplo, suprir às necessidades de promoção de saúde mental que os jovens do nível médio necessitam nessa fase complexa de vida. Nesse sentido, a arteterapia pode vir ajudá-los no desenvolvimento humano integral, pelo potencial criativo e transformador presente na arte. Esta (arte), portanto, torna-se uma excelente ferramenta a auxiliá-lo na compreensão de seu mundo interno, possibilitando, dentre outras coisas, o desenvolvimento de sua autoestima, autonomia, bem como de uma relação saudável com os outros e com o meio.

Palavras-chaves: Arteterapia; Ensino médio; Interdisciplinaridade; Saúde mental; Humanidades.

Abstract

The present work aims to investigate the contributions of art therapy to the education of young people in high school, based on a literature review. This is characterized as a qualitative research of bibliographic review. Electronic databases were used: CAPES Portal, Scielo, Bireme, Pepsic and Google Scholar. A period of time was not determined for the selection of the bibliography. On that subject, there is a shortage of related content. Not because the theme is not very relevant, but perhaps little attention is paid to the contributions that art therapy can offer to education, such as, for example, meeting the mental health promotion needs that high school youth need in this complex phase of life. In this sense, art therapy can come to help them in integral human development, due to the creative and transforming potential present in art. This (art), therefore, becomes an excellent tool to help him understand his inner world,

¹ Mestrando em Ensino de Humanidades e Linguagens na Universidade Franciscana (UFN). Especialista em Psicanálise pela Faculdade Facuminas (FACUMINAS). E-mail: crismatana505@gmail.com

² Doutora em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Professora Adjunta II na Universidade Franciscana (UFN). E-mail: janaina.carlesso@ufn.edu.br

³ Doutor em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professor na Universidade Franciscana (UFN) e coordenador da residência multiprofissional de saúde mental da UFN. É tutor de núcleo da Psicologia das residências de Infecto e Neurologia e Reabilitação Física. E-mail: felix@ufn.edu.br

enabling, among other things, the development of his self-esteem, autonomy, as well as a healthy relationship with others and with the environment. quite.

Keywords: Art therapy; High school; Interdisciplinary; Mental health; Humanities.

1. Introdução

O presente trabalho tem dois eixos como objetivos de investigação: 1) descrever os principais fundamentos históricos da arteterapia; 2) verificar na literatura científica as contribuições da arteterapia para a educação de jovens do ensino médio.

Não muito distante do momento presente, em meados do século XIX, surge a arteterapia, ligando essa significativa e expressiva experiência do humano (pela arte), com aquilo que ela pode produzir de terapêutico para ele. Conforme Vasques (2009), a arteterapia cobre um amplo espectro da experiência humana, seja nos campos perceptuais, motores, do simbólico e das experiências afetivas, emocionais e comportamentais.

Esta base multifacetada da arteterapia se vincula aos outros campos das ciências da saúde, muito especialmente à saúde mental, pelo rico potencial de aplicação terapêutica, como afirma a autora. Estanislau e Bressan (2014) são autores que privilegiam, em seus estudos, um trabalho de prevenção e promoção da saúde mental na escola. Por essa real necessidade, é que a presente pesquisa atentou para o contexto da educação, ao pensar que a arteterapia pode, sim, oferecer respostas de cuidado de jovens do ensino médio.

Os mesmos autores ao descreverem o problema da saúde mental na escola, no contexto de Brasil, aludem para um número crescente de jovens com transtornos mentais. Tal particularidade, afirmam eles, afeta diretamente o rendimento escolar dos alunos, incidindo no aumento da evasão escolar, bem como em dificuldades para o ensino aprendizagem, etc.

Tais impasses, devem colocar tanto a escola, a sociedade e pais em constante alerta, analisando e vendo possibilidades que possam diminuir os fatores de risco. Ao pensar na arteterapia como ferramental para a promoção e prevenção da saúde mental da escola, envolvendo jovens do ensino médio, entende-se que há um longo caminho a ser percorrido e até experimentado. Mas é um caminho, se considerados os poucos que se tem. Talvez pelo fato da arteterapia ter surgido há pouco na história, e seu desenvolvimento demonstrar ainda pequenos avanços se relacionados a outras

ciências mais antigas como a matemática ou a medicina. Outrossim, pelas poucas experiências em diferentes campos de aplicação, como o ensino, dificulte a percepção de que a arteterapia pode trazer importantes contribuições – em especial aos jovens estudantes do ensino médio.

Nesse sentido, a presente pesquisa trará elementos históricos sobre a arteterapia, para deixar mais claro para o leitor, o seu surgimento e aproximação com outras áreas do conhecimento. A educação é uma delas – especialmente a partir de sua fundadora, Margareth Naumburgh (1890-1983). Com essa base mais histórica, será mais fácil passar para o segundo ponto a ser abordado nesta pesquisa a partir de uma revisão de literatura, a qual se propõe a investigar se existem contribuições da arteterapia para a educação de jovens do ensino médio. A busca por essa resposta já aponta para a relevância desse trabalho de pesquisa.

2. Metodologia

A presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa de revisão bibliográfica. A coleta de dados aconteceu no primeiro semestre de 2022. A busca dos materiais bibliográficos foi realizada nas seguintes bases de dados eletrônicas: Portal da CAPES, Scielo, Bireme, Pepsic e Google Acadêmico, sendo usados os seguintes descritores: arteterapia, arteterapia e ensino médio; arteterapia e educação e arteterapia e saúde mental.

No total foram encontrados 28.442 materiais bibliográficos na primeira etapa da seleção. Notou-se que muitos dos títulos dos artigos e dissertações se repetiam nas diferentes bases de dados. Dentre os critérios de inclusão, cita-se os materiais nacionais, sem delimitação de tempo como critério para seleção, considerando a escassez de materiais. Levou-se em conta os títulos de trabalhos que parcialmente tinham relação direta com a temática central e seus objetivos estudados nessa pesquisa e, que, *a priori*, entraram para análise e estudo dos resumos.

Na segunda etapa, do montante geral, vinte e oito (28) estudos, oriundos de publicações científicas, foram selecionados. Os demais foram excluídos por não preencherem os critérios deste estudo. Os selecionados aparecem na íntegra listados abaixo no quadro 1. Observe-se, que a maioria dos dados obtidos foram encontrados no Google Acadêmico e Portal da Capes. Após leitura criteriosa dos vinte e oito resumos, doze materiais cumpriram com os propósitos de seleção, sendo, portanto,

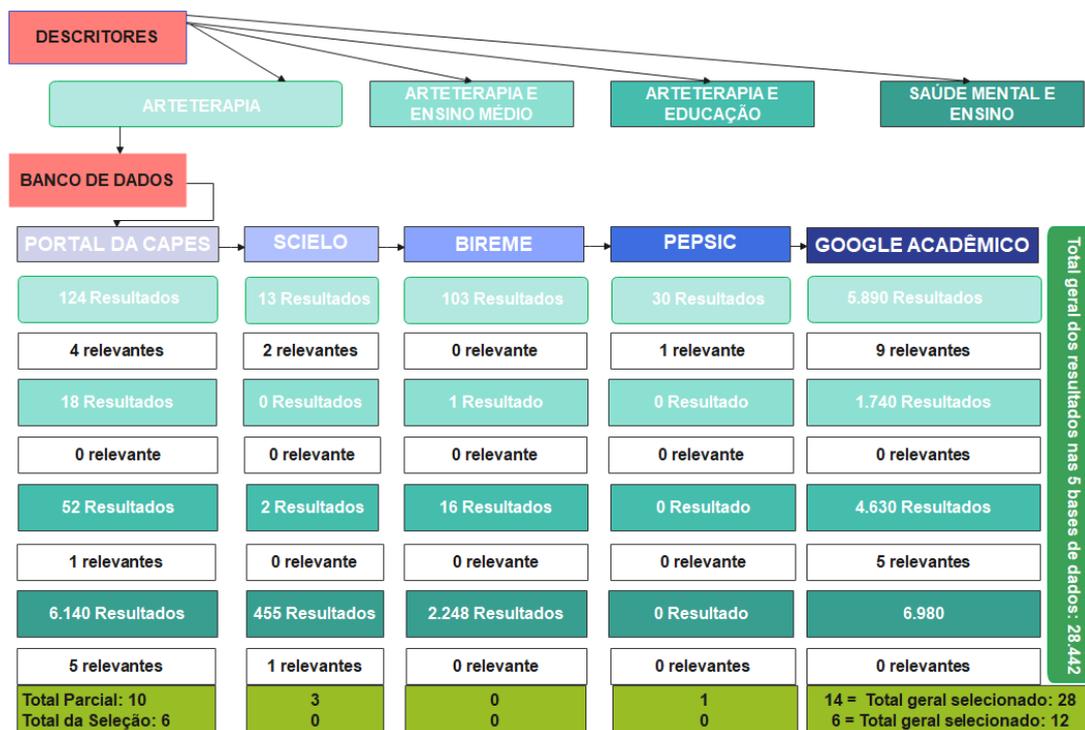
utilizados para elaboração deste artigo. Estes encontram-se elencados no quadro 1, com suas respectivas bases de dados correspondentes, cujos autores aparecem com destaque cinza no quadro.

Para a análise dos dados obtidos, por meio da coleta, foi utilizado o método da Análise de Conteúdo de Laurence Bardin (2002). Na obra ‘Análise de Conteúdo’, a autora sugere três etapas básicas. A primeira delas é a pré-análise, ou seja, é a etapa da organização propriamente dita e seleção dos materiais disponíveis a respeito do assunto da pesquisa. Na segunda, está a exploração do material. É uma “fase longa e fastidiosa, consiste essencialmente de operações de codificação, desconto ou enumeração, em função de regras previamente formuladas” (BARDIN, 2002, p. 101). E na terceira fase, tem-se o tratamento dos resultados obtidos e a interpretação.

3. Resultados e discussão

Nesse tópico serão elencados os resultados obtidos da pesquisa nas bases eletrônicas de dados, arrolados na Figura 1, onde são apresentados os descritores utilizados na pesquisa e o número de trabalhos encontrados na literatura científica sobre o assunto.

Figura 1 - Levantamento bibliográfico nas bases eletrônicas de dados (2022)



Fonte: elaborado pelos autores (2022)

No quadro 1, a seguir, serão apresentadas informações detalhadas dos vinte e oito materiais bibliográficos, oriundos da pesquisa e que foram selecionados para análise.

Quadro 1 – Materiais bibliográficos selecionados para análise de dados (2022).

N./Ano	Autores	Revisão (R) ou Aplicada (A)	Título	Fonte de Publicação
1/2021	ANASTASIOU, H.P. e SANTOS, P.J.	R GOOGLE	Arteterapia: considerações ao processo.	REVISE – Revista Integrativa em Inovações Tecnológicas nas Ciências da Saúde, [S. l.], v. 3, n. 00.
2/2018	ARAÚJO, J.H. e JACÓ-VILELA, A.M.	R CAPES SCIELO	A experiência com arte na Colônia Juliano Moreira na década de 1950.	História, Ciências, Saúde-Manguinhos [online]. v. 25, n. 2. 321-334.
3/2014	AVERSA, P.C.	R SCIELO	Vibrações possíveis: Arte/Educação e Saúde Mental na Contemporaneidade.	ARS, [online], São Paulo, v. 12, n. 23, 148-159.
4/2007	BURITY, L.S.M.	R GOOGLE	Arte e individuação: o autoconhecimento através da arteterapia.	Monografia – Universidade Cândido Mendes, para a conclusão do Curso de Pós-Graduação “Lato Sensu” em Arteterapia em Educação e Saúde. Rio de Janeiro.
5/2020	CAPUCHO, M.G.	R GOOGLE	Arteterapia: a arte como recurso terapêutico para a expressão de conteúdos inconscientes.	Monografia (graduação), Departamento de Psicologia, Universidade de Taubaté. São Paulo, 1-65.
6/2010	COQUEIRO, N. F.; VIEIRA, F. R. R. e FREITAS, M. M. C.	R SCIELO	Arteterapia como dispositivo terapêutico em saúde mental.	Acta Paulista de Enfermagem [online]. São Paulo, v. 23, n. 6, 859-862.
7/2016	GAUY, F. V.	R CAPES SCIELO	Crianças e adolescentes com problemas emocionais e comportamentais têm necessidade de políticas de inclusão escolar?	Educar em Revista [online], v. 00, n. 59, 79-95.
8/2009	GONÇALVES, S.M.D.	R GOOGLE	O arquétipo da sabedoria, a arteterapia e a instituição escola.	Monografia (graduação), Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro.

9/2017	GROLI, V.; WAGNER, M.F.; DALBOSCO, S.N.P.	R CAPES	Sintomas Depressivos e de Ansiedade em Adolescentes do Ensino Médio.	Revista de Psicologia da IMED, Passo Fundo, v. 9, n. 1, 87- 103.
10/2021	KOEHLER, S. M. F.; GONZALES, N. G. P.; MARFICA, J. B.	R CAPES	A escola como promotora da saúde mental e do bem-estar juvenil: oficinas pedagógicas com adolescentes.	Desidades, Rio de Janeiro, n. 29, 168- 185.
11/2018	MARRA, A. P. A.; RABELO, A. P. S.; DÂMASO, L. C.; RAMOS, M. T. O.	R GOOGLE	Arteterapia e saúde mental: uma revisão bibliográfica.	E-RAC. Uberlândia: MG, v. 8, n. 1, 1-22.
12/2004	MARINHO, M. T. Q.	R GOOGLE	Arteterapia e Arte Educação: convergências e divergências.	Monografia (graduação), Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro: RJ.
13/2011	MARTINS, M. M. M.	A GOOGLE	Arteterapia com adolescentes: Uma proposta de intervenção.	Dissertação, Pós- Graduação em Psicologia Educativa, Centro Universitário FIEO, Osasco: SP.
14/2021	MELLO, M. D.	R GOOGLE	A arte e a arteterapia na educação.	Revista SL Educativa, São Paulo, v. 24, n. 1, 331- 349.
15/2006	NASCIMENTO, M. M.	R PEPSIC	Arteterapia no novo paradigma de atenção em saúde mental.	Psic, São Paulo, v. 7, n. 1, 101-102, 2006.
16/2014	REIS, A. C..	R CAPES SCIELO	Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do Psicólogo.	Psicologia: Ciência e Profissão [online], v. 34, n. 1, 142-157.
17/2013	ROMAN, J. A.	R CAPES	Arte e saúde: uma interface a serviço da integralidade.	Dissertação, Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Saúde, Florianópolis.
18/2019	ROSSI, L. M. et al.	R SCIELO	Crise e saúde mental na adolescência: a história sob a ótica de quem vive.	Cadernos de Saúde Pública [online]. v. 35, n. 3, e00125018.
19/2010	SÁ, D. G. F. et al.	R CAPES	Fatores de risco para problemas de saúde mental na infância/adolescência.	Psicologia: Teoria e Pesquisa [online], v. 26, n. 4, 643-652.
20/2014	SANTOS, A. S.	R GOOGLE	Psicopedagogia e arteterapia: uma dupla que promete.	Monografia (Graduação em Psicopedagogia), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa: PB.
21/2021	SOUZA, T. T. et al	R CAPES	Promoção em saúde mental de adolescentes em países da América Latina: uma revisão	Ciênc. Saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 26, n. 7, 2575-2586.

			integrativa da literatura.	
22/2015	SCHLEDER, K. S.; HOLANDA, A. F.	R CAPES	Nise da Silveira e o enfoque fenomenológico.	Revista da Abordagem Gestáltica, Goiânia, v. 21, n. 1, 49-610.
23/2011	TOSTI, A.G.; SEI, M.B.	R GOOGLE	Arteterapia e educação: Promoção do desenvolvimento através do Ateliê arteterapêutico no contexto escolar	Arteterapia Cores da Vida, Florianópolis, v. 12, n. 12, 3-11.
24/2006	TRINDADE, M.T.S.	R GOOGLE	Desenhando criativamente: O papel da arteterapia no desenho criativo.	Monografia (Pós Graduação), Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro.
25/2001	VALADARES, A.C.A.; NOVATO, A.C.R.S.	R GOOGLE	Aspectos transformadores da construção em arteterapia com adolescentes.	Revista Eletrônica de Enfermagem (online), Goiânia, v.3, n.1.
26/2017	VALENÇA, M.B.	R GOOGLE	Arteterapia – Educação: Tecendo sentidos entre vivência e reencantamento.	Dissertação, Universidade Federal de Pernambuco. Recife: PE.
27/2009	VASQUES, M.C.P.C.F.	R GOOGLE	A arteterapia como instrumento de promoção humana na saúde mental.	Dissertação, Faculdade de Medicina de Botucatu, Universidade estadual Paulista, São Paulo: SP.
28/2017	VIEIRA, A. G. et al.	R CAPES	A ESCOLA A escola enquanto espaço produtor da saúde de seus alunos.	Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, v. 12, n. 2, 916-932.

Fonte: elaborado pelos autores (2022).

Para a apresentação dos resultados obtidos neste estudo, três seções foram desenvolvidas: 1) desenvolvimento histórico da arteterapia; 2) contribuições da arteterapia para a educação de jovens do ensino médio; 3) a arteterapia e sua função terapêutica voltada para o ensino médio.

3.1 O desenvolvimento histórico da arteterapia

A arteterapia surge na literatura acadêmica, melhor estruturada, com o uso de recursos artísticos, vinculando-os ao campo clínico-terapêutico somente em meados do século XIX, no trabalho desenvolvido pelo psiquiatra alemão Christian Reil (1759-1813). Este conseguiu fazer uma interlocução entre arte e saúde, além de construir um protocolo terapêutico para guiar a cura dos pacientes psiquiátricos (AATESP, 2010). O francês Paul Max Simon (psiquiatra), em 1876, foi o primeiro expoente a

escrever um compilado, mais sistemático, sobre as observações artísticas de seus pacientes psiquiátricos. Ele “[...] fez uma classificação de doenças relacionadas a essas produções artísticas. Neste mesmo ano, a arte começou a ser usada por criminalistas e psiquiatras para apontar possíveis doenças mentais em criminosos” (CHERÉM, 2015, p. 25).

Mas, mesmo que a psiquiatria tenha dado esse contributo inicial, o desenvolvimento da arteterapia se associa muito às descobertas de Freud (1856-1939) do inconsciente, com seu simbolismo, e recebem um reforço, mais intenso, com Carl Gustav Jung (1875-1961) - entre os anos 1920 e 1930 (REIS, 2014). Carvalho e Andrade (1995) observam que Freud não só formulou uma teoria do aparelho psíquico, mas tonou expressa sua estruturação e suas manifestações a partir do simbolismo presente nele.

E é justamente na expressão do inconsciente, por meio de seu simbolismo, por imagens que se apresentam muitas vezes nos sonhos, que se poder ir perfazendo um caminho de compreensão do sujeito. Em outras palavras, é o mundo interno, que se vai escapando da censura e emergindo nas suas projeções e expressões. É válida a observação, pelas palavras de Reis (2014, p. 145), que “o próprio Freud não chegou a utilizar a arte como parte do processo psicoterapêutico”, como o fez Jung, mas não inegáveis suas contribuições a partir do simbolismo presente no inconsciente.

Cabe apontar, nesse estudo, que alguns autores como Jung e Margareth Naumburgh (1890-1983), aqui mencionados pela relevância de seus trabalhos, trouxeram inúmeras contribuições para o desenvolvimento da arteterapia no Brasil e no mundo. No aspecto da relação entre arteterapia e educação, o destaque vai para Naumburgh. É por isso que estará em evidência nas considerações deste trabalho.

Sobre Jung, cabe salientar que o desenvolvimento de seu trabalho em arteterapia se deu por meio de obras as quais não teorizaram diretamente sobre o assunto, mas auxiliaram na leitura do simbolismo presente no inconsciente, expressos por meio da arte. Algumas dessas obras são: “Os arquétipos e o inconsciente coletivo”, de 1959; “O homem e seus símbolos”, de 1964; “A vida simbólica”, de 1957, entre outras.

Ao mencionar este compilado literário, mesmo diante da importância da simbologia, Jung, depois do seu rompimento com Freud, em 1912, avança em suas teorias na busca por uma visão e consciência integraldo homem (de si mesmo). Em

outras palavras, Jung está se referindo ao homem, que na busca de si mesmo, por meio dos processos de individuação, tenta alcançar sua totalidade diante do fragmentado e da desordem que por vezes se estabelece em seu psiquismo. Quanto mais se torna consciente de si mesmo, mais livre está para relações consigo, com o mundo, pela busca de seus interesses e objetivos (JUNG, 1928 apud FADIMAN e FRAGER, 1986).

Jung (2000), ao perceber esta busca do homem por integração disposta na natureza de sua psique, passando pela reconstrução da mesma, trouxe a arte como uma das ferramentas oportunas para tratamento de seus pacientes. Convém observar que Jung não se constituiu usando da terminologia “arteterapeuta” para definir seu trabalho. No entanto, o uso da arte presente no campo clínico de atuação deste em sua época, denota aproximação do conceito que se tem na atualidade de arteterapia⁴. Talvez por isso, muitos estudiosos desta área, como Ciornai (2004), o trate como um dos principais precursores.

A importância do simbolismo presente na psicologia de Jung denota muito do que também se tem de finalidade com a arteterapia, ou seja, um símbolo não é somente um símbolo, como a arte nunca é somente a arte em si. Há um horizonte aberto ao infinito em que aquele indivíduo que produz a arte, trazendo e fazendo sentido às suas impressões internas, é capaz de refletir no mundo externo (pela materialização da própria arte) traços característicos de sua subjetividade. A arte, portanto, pela concepção junguiana, não é uma forma de sublimação das pulsões, como afirmava Freud é, pois, criatividade inerente às funções psíquicas ao mesmo tempo em que é estruturante (REIS, 2014).

No avançar da história e, como já predito, uma relevância notadamente merecida pelo trabalho e estudos realizados em arte-educação, está a educadora norte-americana, Margareth Naumburg. Destaca-se por ser considerada a fundadora da arteterapia e porque foi a primeira a sistematizá-la. Ciornai (2004) observa que os laços de família de Naumburg (1890-1983), sobretudo com sua irmã Florence Cane

⁴ O conceito de arteterapia na atualidade pode ser definido a partir do que Martins (2012, apud MARRA et al., 2018, p. 2) menciona: “arteterapia pode ser utilizada como um recurso de tratamento na saúde mental. Seu objetivo é propiciar ao indivíduo, o crescimento pessoal, desenvolvimento emocional e contato com seu mundo sensível, uma vez que a vivência artística no processo de arteterapia colabora para o autoconhecimento e estimula a elaboração dos conteúdos internos. Os mediadores artísticos têm por finalidade a criação, expressão e comunicação, organizam-se pela expressão plástica, musical, dramática, corporal, literária e lúdica e, através das diferentes formas expressivas, permitem às pessoas comunicar e explorar seus sentimentos”.

(1882-1952), foram os grandes alicerces para definição de sua trajetória de vida e a construção (na vanguarda) da relação entre arteterapia e arte-educação desde seu início.

Naumburgh, conforme Ciornai (2004), tinha muitas reticências em relação ao modelo rígido e formatado o qual a educação se baseava. Ela (educação) pouco viabilizava e desenvolvia a expressão e criatividade das crianças e adolescentes. Então, em 1912, já adulta, entra em contato com o método da educadora italiana, Maria Montessori (1870-1952). Este (método) privilegiava o desenvolvimento infantil, possibilitando à criança experimentar a riqueza de seu mundo subjetivo, tudo o que as coisas e o ambiente pudessem lhe oferecer. Esse tipo de educação se baseia fortemente no princípio da liberdade, autonomia e criatividade, com limites e respeito aos processos de desenvolvimento e habilidades, sejam elas físicas, sociais e psicológicas das crianças.

Associando-se a esse vértice a educação no trabalho de Margareth Naumburgh, estava a psicanálise. Ela entendia que a escola permanecia numa leitura simplificada da mente humana (somente num nível de consciência), talvez por isso pouco compreendia e avançava em questões cruciais ligadas ao desenvolvimento humano e do ensino-aprendizagem dos alunos.

Tal lacuna percebida por Naumburgh, depois de seus estudos em psicanálise, mobilizou-a a “defender a importância da expressão de conteúdos e motivações inconscientes para a educação e o desenvolvimento da personalidade” (CIORNAI, 2004, p. 24). A teoria aprendida fez com que ela e sua Irmã Florence fundassem a Escola Walden, em New York, propiciando, em sua metodologia educacional, atividades artísticas livres e a prática da expressão artística espontânea.

Ainda um pouco mais adiante na história da arteterapia pelo mundo, aqui no Brasil, a arteterapia nasce “na primeira metade do século passado entrelaçada com a psiquiatria e influenciada tanto pela vertente psicanalítica quanto pela junguiana [...] representadas respectivamente nas figuras de Osório Cesar (1895-1979) e Nise da Silveira (1905-1909)”, (REIS, 2014. p. 145). Esse breve esboço de autores e algumas de suas trajetórias no concernente à arteterapia, quando muitos deles serão melhor aprofundados neste trabalho de pesquisa, pela relação com o tema, colaboram para cumprirem seu maior objetivo, ou seja, verificar, na literatura científica, a existência de contribuições da arteterapia para a educação de jovens do ensino médio.

3.2 Contribuições da arteterapia para a educação de jovens do ensino médio

O Ensino Médio surge no horizonte desta pesquisa, envolvendo a arteterapia, porque se percebe em muitos estudos recentes a necessidade de projetos na escola na linha da prevenção e promoção da saúde mental para os jovens. Estanislau e Bressan (2014), Grolli; Wagner e Dalbosco (2017), dão indicativos dessa urgência em seus estudos, pelo crescimento exponencial do sofrimento psíquico, que incluem sintomas de depressão, ansiedade, instabilidade emocional, etc. As causas variam, segundo esses autores, desde os problemas familiares, sociais e outros associadas à própria fase de desenvolvimento.

De toda forma, esses problemas na vida de adolescentes, se não acham na escola ou na família um espaço de acolhimento – ao menos num primeiro momento, a qualidade de vida dos mesmos é prejudicada, inclusive quanto ao desempenho intelectual, afetivo e relacional. Vieira (2017, p. 918) menciona que a escola é um espaço privilegiado produtor de saúde: “educação integral e o desenvolvimento de habilidades pessoais, garantindo ambientes saudáveis e protetores e desenvolvendo ações que reforcem o bem viver”.

Nesse horizonte de múltiplas possibilidades é que a escola pode oferecer, voltada para atingir muitos desses fins citados, projetos de arteterapia os quais se colocam como um meio para contribuir, significativamente através da arte, na produção de vida integral e saúde psíquica do jovem estudante do Ensino Médio. Outra observação, visível ao longo deste trabalho, é que a arteterapia não surge no contexto da educação, tampouco voltada para ela no seu início. Talvez por isso, um nicho que ainda pode ser mais fortemente investido em termos de pesquisa e de aporte de pessoas que possam ir ao campo das escolas para dar esse suporte.

Os estudos de Mello (2021), ao abordar a temática da arte e a arteterapia na educação, levantam um problema sério que pode comprometer qualquer projeto de arte na escola: a arte ser vista nas escolas como uma ferramenta que, quando aplicada, leva os alunos para o descanso dos pesados fardos que as disciplinas lhes impõem. Ao evidenciar tal problema, o autor busca desmistificar a situação em vista de soluções tangíveis. Não intenciona semear desesperança naqueles que ainda creem que a arte ou a arteterapia sejam projetos eficazes de retorno para a escola, para a família e para sociedade, ao contrário.

Baseado na premissa de que a arte é dentre todas atividades a que agrega valores por envolver muitos dos processos humanos de desenvolvimento, sejam eles racionais, criativos, comunicativos, simbólicos e também da ordem dos afetos, o autor entende que ao trabalhar com arte na escola, por meio de atividades artísticas, “o sujeito não só estará interferindo na realidade, como também estará estruturando-se de forma mais adequada, saudável e eficiente” (MELLO, 2021, p. 334).

Se a arte pode ser compreendida dessa forma, como citada por Mello (2021), dois aspectos tornam-se importantes de serem ressaltados: a) a arte que faz parte do que é básico a toda educação, ao mesmo tempo cresce e se desenvolve por meio dela; b) a expressão espontânea que surge por meio da arte, pode tornar-se um instrumento de auxílio terapêutico voltada para a educação. As palavras “básico a toda educação...”, denotam que a arte deveria permear todo o ensino, desde o básico, fundamental e médio, como forma de promoção e prevenção da saúde mental.

Ao se referirem à escola como um espaço de promoção e prevenção de saúde mental, os autores não confundem um trabalho que se possa desenvolver ali de arteterapia, como um trabalho análogo, desenvolvido por um psicólogo clínico num consultório. Aliás, segundo Valle (2003), indo nessa mesma direção, nem a um psicólogo escolar a arteterapia poderia ser trabalhada na escola a partir desse modelo. Porque não é isso!

Os estudos de Mello (2021) acordam com essa mesma ideia quando compreendem que por meio da arteterapia, o indivíduo assimila valores diversos, tanto no campo do conhecimento, quanto do sentimento. O que vai facilitar o desenvolvimento do seu processo de ensino e aprendizagem na escola. Nesse sentido, Vieira et al. (2017), entendem que a escola não deve só se preocupar com o ensinar e aprender, mas de ser um espaço produtor de saúde, promotora da tão sonhada educação integral, bem como da capacitação para o bom desenvolvimento de habilidades pessoais, ao mesmo tempo em que deve favorecer um ambiente saudável, que reforce um bem viver e conviver.

Os estudos de Capucho (2020, p. 31) afinam-se com os de Vieira et al. (2017), ao endossar esta função da arteterapia como “promotora de saúde” na escola. Aliás, dentro e fora da escola, pontua a autora – na medida em que ajuda a desenvolver modos de objetivação e subjetivação, não tentando criar o belo em si a partir da arte. Dessa forma colocada, a arteterapia preocupa-se em oferecer ao indivíduo, por meio

do valor simbólico na arte expressada, a “desmistificação dos símbolos inconscientes que o paralisam” (CAPUCHO, 2020, p. 31).

3.3 A arteterapia e sua função terapêutica voltada para o ensino médio

Na seção anterior, o indicativo desses autores, citando algumas das contribuições que a arteterapia pode oferecer à educação, apontam para algo que é próprio da arteterapia – considerando que nem todo tipo de trabalho de arte é tido nesta perspectiva, ou seja, sua função terapêutica⁵. Nesse sentido, convém ressaltar alguns aspectos relevantes para não incorrer em equívocos ao querer implantar projetos de arteterapia na escola.

Primeiramente, a arteterapia não se enquadra como uma disciplina da saúde a prestar serviço clínico de saúde mental à escola. Poderia se encaixar, outrossim, como atividade educacional que usa da arte como meio para promover possíveis fins terapêuticos, integrando o trinômio – bios (vida), psique (saúde mental) e a esfera social, enquanto relação com o meio e com os outros que compõem esta cadeia. Como mencionado por Mello (2021), a arteterapia além de colaborar para o desenvolvimento dos processos de ensino aprendizagem dos educandos, dimensiona-os a uma perspectiva da integralidade na forma de pensar, agir e ser.

Vieira (2017, p. 923) compreende-se próximo do que Mello (2021) projeta, acrescentando, ao ponderar a escola como instituição ou órgão promotor de saúde: “Atua sobre os fatores e mecanismos que potencializam as capacidades de crianças e adolescentes a enfrentarem e superarem as adversidades e as dificuldades de suas vidas”. Já Vasques (2009), ao tratar a arteterapia como instrumento de promoção humana na saúde mental, mesmo que seu estudo não seja direcionado à escola, tampouco a adolescentes como público específico, entende que promoção da saúde na escola não é direcionamento de saúde como disciplina, mas é atenção integral.

⁵ Ciornai (2004, p. 26) ao recapitular o trabalho desenvolvido por Margareth Naumburg, como arte-educadora, e considerando que este (trabalho) teve aplicação também comprovada na Escola Walden – fundada por ela e sua irmã, ajuda a compreender o termo “terapêutico” e sua finalidade na arte-educação – o que, claramente, é possível estendê-lo (como sua função) ao Ensino Médio. Segundo a autora, Naumburgh considerava que a expressão de arte, a partir da criatividade do sujeito que a desvela do “si” (seu mundo interno) para o outro (realidade externa a ele), é por si terapêutica na medida em que traduz o conteúdo simbólico ali representados. Aqui a arteterapia se distingue de um estudo em arte (e é o que a faz ser terapêutica) na medida em que não privilegia a métrica, mas foca “[...] a atenção no material (inconsciente) expresso no trabalho de arte e no processo de compreensão do significado simbólico implícito nas imagens produzidas... buscando promover a obtenção de *insights* sobre a imagética e o conteúdo simbólico dos conflitos inconscientes ali projetados”.

Nessa perspectiva, a autora faz alguns esclarecimentos sobre o que seja o trabalho em arteterapia, distinguindo-o de arte como terapia, arte-educação e terapia ocupacional. No primeiro caso, arteterapia, eixo desta pesquisa, qualquer pessoa que fosse fazer um trabalho, seja na escola ou em qualquer outro ambiente, com distintos públicos, teria que ter um conhecimento científico, específico nessa área, fundamentado nas técnicas diversas de terapias, psicologia, neurologia, como psicopatologia. Se não for assim, talvez o máximo que se consiga fazer e aplicar (precarosamente) é arte como terapia (OLIVER, 2008).

No segundo caso, a arte como terapia, poderia ser qualquer tipo de trabalho artístico, artesanal ou não, que poderia, se conveniente, envolver algumas técnicas para sua realização, propiciando ao artesão algum ou vários efeitos terapêuticos. Já na arte-educação, o estudante aprende técnicas artísticas como disciplina, propiciando um conhecimento de arte com suas linguagens e técnicas de expressão próprias. De toda forma, nesses dois casos, não se poderia confundir com arteterapia, pois, segundo Vasques (2009), a arteterapia tem um caráter científico fundamentado em medicina, psicologia e artes em geral, com fins terapêuticos.

Vasques (2009, p. 29) ao citar a arteterapia na sua função no contexto da educação, observa que ela está voltada no auxílio de compreensão e elaboração de certos conteúdos “emocionais presentes em todas as etapas da vida oferecendo subsídios para que os sujeitos desenvolvam, durante o processo, um olhar que permita a adoção de novas posturas de leitura de mundo”.

Num espectro amplo de situações que os jovens podem enfrentar nessa fase, e que a arteterapia poderia contribuir terapeuticamente com eles, os autores Grolli; Wagner e Dalbosco (2017) afirmam que sintomas de depressão e ansiedade, instabilidade emocional, são bastante comuns nesse período de vida. Os últimos anos de estudo do Ensino Médio, ao mesmo tempo que são momentos de encontros e partilhas de grupos afins – que vivem e convivem quase que diariamente, podem fazer eclodir ou agravar tais sintomas, por uma frágil estrutura egóica ainda em formação.

Tratar dessas situações dos adolescentes como um clichê existencial pode impedir que se veja e se escute alguns “gritos” de socorro que, quando a tempo percebidos, poderiam ter feito uma diferença substancial para a qualidade, tratamentos e preservação de vida desses jovens.

A título de esclarecimento e não de justificativa, somente (destaca-se: ‘somente’) a partir dos anos 2000 os estudos epidemiológicos “começaram a ser realizados em países em desenvolvimento, incluindo estudos no Brasil e outros países da América Latina, revelando taxas de prevalência de problemas de saúde mental (PSM) na infância e adolescência semelhantes aos países desenvolvidos” (SÁ, 2010, p. 643). E a depressão, pelos estudos de Grolli; Wagner e Dalbosco, (2017), vem a ser um dos mais preocupantes que atingem uma gama crescente de jovens na atualidade.

Este sintoma vem causando prejuízos à qualidade de vida dos jovens, como também de seus familiares, como em seus processos de desenvolvimento cognitivo, cabendo a identificação precoce como alternativa para uma atenção possível que se pretenda de ajuda. Por um outro sintoma, muitas vezes decorrentes da depressão, como o suicídio entre jovens de 15 a 24 anos, os mesmos autores sugerem que se deve prestar muita atenção, pois ele (suicídio) pode estar associado a outras psicopatologias.

Dessa forma, ao pensar em colocar a arteterapia em destaque, dentre as possibilidades de auxílio terapêutico aos jovens nas escolas, se quer aumentar as chances para o enfrentamento desses sintomas de risco. Reis (2014, p. 143) justifica essa premissa, ao afirmar que a arteterapia é uma atividade artística, de intervenção profissional, a promover “saúde e a qualidade de vida, abrangendo hoje as mais diversas linguagens: plástica, sonora, literária, dramática e corporal, a partir de técnicas expressivas como desenho, pintura, modelagem, música, poesia”. Essa opinião vai de encontro ao que Marinho (2004) indica ao tratar da inserção da arteterapia na educação escolar, pois, segundo ela, a criatividade do aluno, a qual deve ser desenvolvida pelo todo das atividades da escola, não está somente à serviço de um estímulo para aumentar o rendimento intelectual do mesmo, mas deve servir para favorecer sua saúde mental e física, bem como proporcionar um ambiente adequado para que se desenvolva.

Então, pelo que parece diante do exposto informado por esses dois autores, ao “promover” uma saúde integral do aluno, “promove-se”, por consequência, a escola e o ensino aprendizagem; família e sociedade. Quando os alunos se sentem bem na escola, respeitados, tendo espaços para uso de sua criatividade, se sentem mais

capazes para o estudo e entendimento de processos mentais mais complexos, necessários no aprendizado de várias áreas.

Nesse sentido, há de se encarar o essencial do que a arteterapia produz, segundo Ciornai (1995), pois ela é capaz de quebrar com os limites impostos (aceitos ou não) sobre o sujeito nessa gigante teia complexa que podem ser condicionantes, impedindo-o de progredir para estados de vida mais saudáveis na ordem do ser e do agir. A partir da leitura dessa autora, percebe-se que a busca de melhores resultados em razão da autonomia do sujeito, na medida que avança para além de seus limites, não é a tarefa primeira a ser alcançada pela arteterapia. É o próprio sujeito! É o que Reis (2014, p. 149), similarmente, se refere ao valorizar essa potência que a arte é capaz de produzir de melhor pelo indivíduo e pelo seu próprio meio: “ao criar na arte, o sujeito se recria na vida”.

As formas expressivas que a arteterapia propicia para comunicação, especialmente quando se trata de um público jovem, é tão mais eficaz e terapêuticas do que se pode imaginar. Martins (2011), nos seus estudos de arteterapia aplicada com adolescente, ilustra, dentre vários exemplos citados, o de Carmem. Uma jovem no Ensino Médio, convidada para participar de sessões na escola, pela demanda inicial em problemas de comportamento. A mãe de Carmem narra ao arteterapeuta que o pai da jovem queria que ela fosse menino. Carmem tentou de tudo para sempre agradar ao pai, mas ao vir uma outra irmã ao mundo, com características mais femininas, foi quando as atitudes rebeldes começaram. O pai, segundo a mãe, sempre está mais a agradar a filha mais nova do que Carmem.

As representações esboçadas por meio dos desenhos de Carmem na pesquisa de Martins (2011) são impressionantes porque detalham muito de seu mundo interior, e possíveis causas em razão de sua demanda. Um dos exemplos de Carmem ao ilustrar esse fato nas sessões de arteterapia, vem pela imagem da família representada. Nesta imagem construída por ela com massa de modelar, segundo a autora, Carmem constrói uma família cujos membros estão de mãos dadas e felizes, simbolizando uma família unida e feliz. No entanto, há uma dissonância entre o imaginário e o real que representa alguns dos sofrimentos da jovem.

Ao representar desse jeito sua família, de acordo com um estereótipo de família unida e feliz, Carmem revela barreiras, “evitando entrar em contato com experiências subjetivas relacionadas ao convívio familiar. Essa atitude pode colaborar para a

formação de patologias, em decorrência da impossibilidade de pensamento e simbolização, processos esses potencializadores da saúde” (MARTINS, 2011, p. 79).

Martins (2011) esclarece nesse caso da adolescente do Ensino Médio, com base na dificuldade da participante entrar em contato com sua subjetividade, algo importante sobre o trato terapêutico por meio da arteterapia, que, aliás, o arteterapeuta vai ter que estar muito atento para elucidar o processo, visto que a arteterapia, nesse caso de Carmem, parecia ameaçá-la - pelo fato de alguém ou alguma coisa ser capaz de invadir seu ‘mundo’ interior tão belamente construído como símbolo maior de uma família feliz, usurpando estruturas de apoio por ela criadas que lhe garantiam segurança. Uma outra razão pela qual a arteterapia parecia ameaçá-la é que “existe uma comunicação não-verbal que permeia todo o processo arteterapêutico”, (MARTINS, 2011, p. 82).

A não-verbalidade citada por Martins (2011) é referenciada dentro do contexto de sua pesquisa especialmente no caso de Carmem, pois, em outros episódios citados pela autora envolvendo adolescentes, nem sempre isto ocorre. O que se quer dizer é que cada caso e processo são sempre diferenciados, assumindo contornos terapêuticos que carecerão também de ir nessa mesma direção, ou seja, a atenção do arteterapeuta e da escola deverão também ser diferenciados pelo respeito à individualidade e história da pessoa em questão. Por vezes, encaminhamentos a profissionais da saúde mental poderão ser necessários. Nesse particular, a sensibilidade de ambos, tanto arteterapeuta quanto escola é fundamental para o avanço do processo terapêutico.

Ampliando a compreensão, o que se percebe neste caso de Carmem, como uma adolescente de Ensino Médio, em volta em seus conflitos, é que a escola também tinha uma demanda, ou seja, uma aluna com problema de comportamento que afetava os demais colegas e que, de alguma forma, teria que ser auxiliada para melhor reestruturar a vida dessa aluna. O projeto de arteterapia em parceria com a escola, citado por Martins (2011, p. 83-84), veio, portanto, de encontro a duas demandas: da aluna e da própria escola. Interessante, que a escola ao perceber que oferecendo um cuidado mais integral de vida, por meio da arteterapia a esta aluna e também aos outros adolescentes, estaria trazendo benefícios para ela mesma, incluindo por conseguinte família e sociedade. É o que fica claro na conclusão dos estudos dessa autora.

No concernente às escolas, Souza et al. (2021), salientando a extrema necessidade de prevenção e promoção da saúde mental de adolescentes em países da América latina, entendem que estes lugares devem receber incentivos. A razão não é somente porque lá estão massivamente os jovens, mas é também porque a escola ainda é um ambiente mais acessível e menos ‘estigmatizante’ do que os serviços de saúde, onde se percebe uma baixa procura por serviços nessa área. Portanto, “o desenvolvimento de ações em contextos que os adolescentes já estão e frequentam pode facilitar o desenvolvimento de ações direcionadas a eles, incluindo as de PS” (promoção de saúde). (SOUZA et al., 2021, p. 2582),

4. Considerações finais

O tema deste trabalho sobre as contribuições da arteterapia para a educação de jovens do ensino médio: uma revisão de literatura, como frisado desde o início do mesmo, carece de muitos investimentos nessa área de pesquisa, para chegar-se a pleno êxito em sua implementação nas escolas. O fato de se ter pouquíssimas pesquisas voltadas à educação, menos ainda para esse público de jovens do ensino médio, não foi, todavia, intimidador, ao contrário, constituiu-se em estímulo.

Os desafios maiores a se cumprir, de mais pesquisas em arteterapia e implementação desta nas escolas, vieram pela motivação de que esse público jovem do ensino médio, carece de uma atenção maior das escolas, família e sociedade em termos de uma melhor qualidade de vida integral, ressaltando o aspecto da promoção e prevenção da saúde mental. E a escola, além de ser um desses espaços não estigmatizado como foi dito, é privilegiada pelo cultivo dos múltiplos saberes. É onde o jovem permanece um longo tempo de sua vida. Assim, ao pensar que a arteterapia pudesse contribuir com tais finalidade, o compilado dos poucos autores demonstrados nessa pesquisa, veio reforçar a hipótese inicial de que são possíveis, sim, essas contribuições.

Em relação às contribuições, ficou claro que a arteterapia colabora para o desenvolvimento integral do indivíduo a partir de seu potencial criativo e transformador presente na arte; a expressão simbólica e imagética, expressa pela arte, torna mais compreensível o mundo interno do sujeito que ela comunica; desenvolve um conhecimento de si por meio dos processos que envolvem o sujeito na sua expressão, favorecendo autoestima, autonomia e relação saudável com os outros e com o meio;

pode auxiliar em desvelos das crises de identidade, muito característico nessa fase da adolescência; favorece um equilíbrio emocional; colabora, por meio de técnicas, na identificação de problemas que podem estar sendo para o aluno empecilhos para seu desenvolvimento integral (bio, psíquico e social) etc.

Já em relação aos limites, vê-se a necessidade de avanços para que o trabalho de arteterapia na escola com estudantes do ensino médio deslanche. Um deles é a formação de professores nessa área específica; outro, é a falta de “rede” entre escola e profissionais de saúde mental. Sem estes profissionais, o arteterapeuta ficaria sem o resguardo clínico, específico, para dar conta de demandas psicológicas mais graves dos alunos. É claro, se a Lei 13.935/2019, que contempla a atuação das equipes multidisciplinares, em que se insere o trabalho de psicólogos (as) e assistentes sociais, a qual está na perspectiva da inclusão e efetiva permanência dos (as) estudantes nos sistemas públicos de educação, assim como para a superação das desigualdades educacionais, fosse assumida e respeitada, muitos dos problemas e limites enfrentados hoje pelos jovens escolares, os quais respingam nas escolas, famílias e sociedades, seriam evitados, ou no mínimo tratados a tempo de evitarem maiores danos.

Em todo caso, a probabilidade de projetos em arteterapia darem certos na escola, depende de múltiplos fatores, como é percebido. Mas dois pontos fortes podem-se mencionar: a) perceber que há a necessidade de promoção e prevenção de saúde mental para esses jovens de ensino médio; b) se compreendido que realmente há essa necessidade (como já demonstrado por esta pesquisa), se requer planejamento, investimentos em “instrumentos” humanos e materiais, formação específica e parcerias.

Referências

AATESP (Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo). **A formação em Arteterapia no Brasil: contextualização e desafios**. Textos do III Fórum Paulista de Arteterapia. - São Paulo: Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo, 2010.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Portugal: Edições 70, 2002.

CAPUCHO, M. **Arteterapia: a arte como recurso terapêutico para a expressão de conteúdos inconscientes**. Monografia (graduação), Departamento de Psicologia, Universidade de Taubaté. São Paulo, 1-65, 2020.

CARVALHO, M.; ANDRADE, L. A. Breve histórico do uso da arte em psicoterapia. *In*: M.Carvalho (org.). **A arte cura? Recursos artísticos em psicoterapia**. Campinas, SP: Editorial Psy II, 1995. 27-38.

- CIORNAI, S. Arte-terapia: o resgate da criatividade na vida. *In*: M.Carvalho (Org.), **A arte cura? Recursos artísticos em psicoterapia**. Campinas, SP: Editorial Psy II, 1995. 59-63.
- CIORNAI, S. **Percursos em arteterapia**: arteterapia gestáltica, arte em psicoterapia, supervisão em arteterapia. São Paulo: Summus, 2004.
- CHERÉM, A.L. **A arteterapia como facilitadora no processo de inclusão**. Monografia (Especialização), AVM - Faculdade Integrada. Rio de Janeiro, 1-50. 2015.
- ESTANISLAU, G.; BRESSAN, R. (Org.). **Saúde mental na escola**: o que os educadores devem saber. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- FADIMAN, J.; FRAGER, R. **Teorias da personalidade**. São Paulo: Harbra, 1986.
- FREIRE, P. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- GROLLI, V.; WAGNER, M.; DALBOSCO, S. Sintomas Depressivos e de Ansiedade em Adolescentes do Ensino Médio. **Revista de Psicologia da IMED**, Passo Fundo, v. 9, n. 1, 87-103, 2017.
- JUNG, C. **A natureza da Psique**. Obras Completas, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- KOEHLER, S.; GONZALES, N.; MARPICA, J. A escola como promotora da saúde mental e do bem-estar juvenil: oficinas pedagógicas com adolescentes. **Desidades**, Rio de Janeiro, n.29, 168-185, 2021.
- LEWIN, R. **Evolução Humana**. São Paulo: Atheneu Editora, 1999.
- MARTINS, M. **Arteterapia com adolescentes: Uma proposta de intervenção**. Dissertação, Pós-Graduação em Psicologia Educacional, Centro Universitário FIEO, Osasco: SP, 2011.
- MARRA, A.P.; RABELO, A.P.; DÂMASO, L.; RAMOS, M.T. Arteterapia e saúde mental: uma revisão bibliográfica. **E-RAC**. Uberlândia: MG, v. 8, n. 1, 1-22, 2018.
- MARINHO, M. **Arteterapia e Arte Educação: convergências e divergências**. Monografia (graduação), Universidade Cândido Mendes, 1-41, Rio de Janeiro, 1-41, 2004.
- MELLO, M. A arte e a arteterapia na educação. **Revista SL Educacional**, São Paulo, v. 24, n. 1, 331-349, 2021.
- OLIVER, L. **Psicopedagogia e Arteterapia. Teoria e prática na aplicação em clínicas e escolas**. Rio de Janeiro: Wak, 2008.
- REIS, A. Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do Psicólogo. **Psicologia: Ciência e Profissão** [online], v. 34, n. 1, 142-157, 2014.
- SÁ, D.; BORDIN, I.; MARTIN, D.; PSULA, C. Fatores de risco para problemas de saúde mental na infância/adolescência. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 26, n. 4, 643-652, 2010.
- SOUZA, T.; ALMEIDA, A.C.; FERNANDES, A.; CID, M.F. Promoção em saúde mental de adolescentes em países da América Latina: uma revisão integrativa da literatura. **Ciência Saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 7, 2575-2586, 2021.
- VALLE, L. Psicologia Escolar: Um duplo desafio. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 23, n.1, 22-29, 2003.
- VASQUES, M. **A Arteterapia como Instrumento de Promoção Humana na Saúde Mental**. Dissertação Mestrado, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2009.
- VIEIRA, A.; AERTS, D.; CÂMARA, S.; SCHUBERT, C.; GEDRAT, D.; ALVES, G. A escola enquanto espaço produtor da saúde de seus alunos. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação (RIAFE)**, v. 12, n. 2, p. 916-932, 2017.